



ÁREA DE PROJECTO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Helena Maria de Oliveira Gonçalves Escola¹

EB 2,3 de Lamações (Braga)

Judite Maria Zamith-Cruz Universidade do Minho²

Instituto de Estudos da Criança (Braga)

RESUMO

A presente comunicação relata uma experiência de Educação Sexual, realizada na Área de Projecto com alunos do 6º ano de escolaridade do Ensino Básico, no ano de 2001/2002, na Escola de Ensino Básico EB 2,3 de Lamações, em Braga, Portugal.

Os objectivos da intervenção foram os seguintes: (1) Ampliar e consolidar saberes em Educação Sexual, numa perspectiva de desenvolvimento e de promoção da saúde e bem-estar psicológico; (2) Fomentar atitudes de aceitação de orientações sexuais e consolidar o auto-conhecimento, em termos de mudanças (e estabilidade) psico-fisiológicas, próprias da idade; (3) Reflectir sobre crenças e valores, com que as diferentes sociedades encararam e encaram sexualidade, amor, reprodução e relação entre sexos; (4) Aprofundar conhecimentos sobre tipos de

abusos sexuais e estratégias de agressores; e (5) Dar a conhecer, preventivamente, riscos relacionados com a saúde sexual e reprodutiva.

Realizaram-se actividades estruturadas, ao longo do ano lectivo, que passaram por pesquisa bibliográfica, debates em grande e pequeno grupo, jogos dramáticos, procurando-se estabelecer transversalidade com outras áreas curriculares, nomeadamente, Ciências da Natureza, Português, Educação Visual e Tecnológica e Educação Moral e Religiosa.

Alcançou-se como produto final a elaboração de um texto e posterior encenação de uma peça de teatro «História de uma miúda, que foi vítima de abuso sexual», apresentada à comunidade escolar.

¹Instituição da primeira autora: Escola EB 2,3 de Lamações
Rua Egídio Guimarães – 4710 Braga, Portugal
E-mail de contacto: helenamariag@clix.pt

²Instituição da segunda autora: Universidade do Minho –
Instituto de Estudos da Criança
Avenida Central n.º 100 - 4710 Braga
Portugal
E-mail de contacto: juditezc@iec.uminho.pt

INTRODUÇÃO

No ano Lectivo de 2001/2002, em Braga - Portugal, na Escola de 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico de Lamações, realizou-se um Trabalho de Projecto em Investigação-Acção - Educação Sexual, circunscrito à Área de Projecto, numa turma de 6º ano de escolaridade, constituída por 28 alunos.

A investigação empreendida assumiu-se como qualitativa, com base no paradigma descritivo e analítico/interpretativo do Projecto consolidado.

O objectivo geral da Área de Projecto é o envolvimento dos alunos na concepção, realização, participação e avaliação de Projectos, permitindo-lhes articular saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas de intervenção e de investigação. No projecto «Educação para a sexualidade», além dos objectivos específicos dessa área curricular não disciplinar, enquadraram-se as seguintes intenções: (1) Desenvolvimento de competências pessoais-sociais (expressão e comunicação públicas, auto-estima...); (2) Trabalho em equipa, o que implica resolução e gestão de conflitos, tomada de decisões; (4) Promoção da aplicação de saberes de forma contextualizada; (5) Aprofundamento dos significados pessoais e sociais da aprendizagem sobre sexualidade, nomeadamente na sua vertente de saúde sexual e reprodutiva; e (6) Criação de espírito de intervenção, reflexão e investigação, por recurso a expressões artísticas e tecnologias da informação e da comunicação.

Após a exploração teórico-prática dos saberes implicados em diferentes disciplinas, pretendeu-se a sua integração e relacionamento no Trabalho de Projecto adiante apresentado.

1. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA PORTUGUESA

Falar de Educação Sexual na educação formal não é abordar, apenas, a vertente biológica, mas também componentes psicossociais, culturais e éticas envolvidas, para uma abordagem interdisciplinar (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO 2000).

A Educação Sexual constitui, também, um desafio educativo, na medida em que é necessário questionarmos os nossos próprios valores, atitudes e tabus, dependentes da nossa idade, classe social, sexo, cultura, ausência/presença de experiências sexuais e da forma como encaramos a própria sexualidade (Lopez & Fuentes, 1993; Moita & Santos, 1998). Nós, professores, não pretendemos suscitar conflitos de valores nos alunos, mas sim alargar perspectivas de liberdade, tolerância e respeito pelo *outro*, uma posição delicada e difícil.

Quando nos referimos à sexualidade, entendemo-la como *libido* e sensualidade, que influencia o equilíbrio biopsicológico e a relação com o *outro*, de acordo com a expressão de Júlio Machado Vaz (1996):

(...) a energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, nos movemos, nos tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e, ao mesmo tempo, sexual; influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (Vaz, 1996).

Falamos das vertentes biológica (seres com corpo sexuado), psicológica (identidade de género, atitudes e comportamento, orientação sexual, auto-imagem, relações afectivo-sexuais...), social (normas e modelos) e, ainda religiosas e culturais (valores).

A sexualidade depara-se com *percalços*, evitáveis e inevitáveis. Inevitáveis são os que resultam da própria complexidade dos afectos e emoções, das expectativas e das frustrações «sentimentais», dos amores e desamores e da forma como vamos vivenciando (desde crianças) os cambiantes emocionais referidos. Evitáveis são, por exemplo, as gravidezes não desejadas na adolescência, os abortos clandestinos (muito vezes fruto de gravidezes escondidas, um grave problema de saúde), as doenças sexualmente transmissíveis (DST), nomeadamente a SIDA, e os abusos sexuais de menores.

A Educação Sexual tem como grande finalidade ajudar as crianças e os jovens a tomarem decisões livres e responsáveis nas relações humanas e a desenvolverem um sentido «positivo» de si próprios.

2 METODOLOGIA

A Investigação-Acção (Lewis, 1946; Corey, 1953) constitui a metodologia preferencial para um Trabalho de Projecto, um método e modo de trabalho na escola, em que se mesclam acção e pesquisa. O escrutínio prático de situações críticas (ex.: sexualidade na adolescência) e de alternativas identifica modelos de investigação «para discernir modelos, sujeitos a limitações». São investigações dirigidas a finalidades activas e formativas, participadas e realizadas em colaboração.

Na escola portuguesa, não existe uma prática consequente de Educação Sexual.

Intencionalmente dirigidas a promover a «inteligência» de alunos e/ou professores, a Investigação-Acção consome a aproximação «crítica» à investigação educativa – Ciência Educativa Crítica (Tesch, 1990, p. 48), que procure dar vida à Investigação-Acção como *empowerment* (Carr & Kemmis, 1986). Esse e outros modelos posteriores à concepção de

Investigação-Acção são dirigidos ao *melhoramento* e ao *meio envolvente* (Carr & Kemmis, 1986). *Melhoramento* relaciona-se com uma situação (portuguesa) em que uma prática social é corrente (ex.: abuso sexual) e os intervenientes têm uma compreensão acrescida dessa prática. Também a Ciência-Acção (Angyris et al., 1985; Schon, 1983) consome uma forma de Investigação-Acção (Schwandt, 1997) em que são realizadas observações «reais», simulações, entrevistas/textos escritos, experiências de acção, relatos e casos passados ao papel. Por sua vez, a Investigação em Colaboração é mais uma prática de discurso do que uma metodologia de investigação. Exige a estabilidade do grupo, ao longo do tempo. Em todas as práticas reflexivas destacadas - Investigação-Acção (Emancipatória) - se organiza uma «investigação em colaboração/acção», ou seja, se intenta melhorar processos em cooperação com os actores sociais (Tesch, 1990, p. 50).

Em termos de implicações educativas, a Pedagogia de Projecto (Castro & Ricardo, 2002) tem por objectivo último transformar um problema em projecto e concretizá-lo. O Trabalho de Projecto constitui um método de trabalho, que requer a participação de cada interveniente, de acordo com as suas possibilidades, com o objectivo de efectuar algo em conjunto, sendo decidido, planificado e organizado de comum acordo (Thinès & Lempereur, 1984). Procura-se resolver um problema pertinente, para os seus membros, constituindo um momento para novas aprendizagens e ter uma ligação à sociedade em que os alunos vivem.

Dividiu-se o Projecto de Educação Sexual em duas partes: (1) organização do trabalho e recolha da informação e formação necessárias, à criação de uma produção estética – dramatização de uma história; e (2) Dramatização e resolução de eventuais problemas decorrentes.

Os alunos do 6º ano de escolaridade definiram grande parte dos problemas abordados, escritos sub-temas, proposta e seleccionada a acção em drama... Constituíram-se (sub-)grupos, segundo dinâmicas, ritmos e concepções de encenação. Efectuou-se o levantamento de materiais e recursos existentes na escola; recolheu-se informação e adquiriu-se conhecimento; planearam-se encontros entre os elementos dos grupos, dentro/fora da sala de aula e em tempos extra-escolares; dividiram-se tarefas e papéis; elaboraram-se textos individuais e o texto colectivo; apresentaram-se trabalhos.

No final dos dois primeiros períodos, alcançou-se o ponto da situação, isto é, a avaliação do processo inicial e intermédio. No final da representação pública, sugeriu-se o seu comentário e discussão ampla.

3. MÉTODO DE TRABALHO DE PROJECTO - ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS AO LONGO DO ANO LECTIVO

Foram realizadas oito actividades, divididas em diversas sessões, durante o 1º e o 2º períodos. No 3º período, criou-se uma encenação colectiva de uma peça de teatro, subordinada ao tema «abuso sexual», seleccionada pelos alunos - «História de uma menina, que foi vítima de abuso sexual». O texto dramático foi recriado por eles, a partir de uma narrativa em língua estrangeira e com contexto diverso.

3.1. Desenvolvimento de competências pessoais e sociais

De acordo com os objectivos específicos definidos, o desenvolvimento de competências pessoais-sociais integrou a expressão/comunicação públicas da seguinte forma explícitas: (1) Apresentar-se e relacionar-se, com intimidade; (2) Falar e ouvir, atentamente; (3) Respeitar e confiar nos outros; (4) Trocar perspectivas e cooperar em grupo; (5) Expressar emoções/sentimentos, defendendo os seus pontos de vista; (6) Conhecer o corpo (saber utili-

zár-lo, com adequação, harmonia, flexibilidade...); e (7) Identificar diferenças corporais. Não se descurou outro objectivo, abrangente da exploração de atitudes de aceitação de opções/orientações sexuais e do aprofundamento do (auto-)conhecimento, para momentos de estabilidade e de mudança física e psicológica, partilhados na idade.

3.1.1. Preparação – primeiras actividades de diagnóstico

No primeiro período, foram realizadas actividades conducentes ao diagnóstico dos conhecimentos, competências e atitudes de pré-adolescentes, face à Educação Sexual.

Na primeira actividade, deu-se início à apresentação de situações, nem sempre identificadas como relacionadas com Educação Sexual (Davis, sem data). Foram fornecidas fichas de trabalho individual, com situações problemáticas, que deviam ser avaliadas como relacionadas (ou não) com Educação Sexual, de acordo com os exemplos:

- «Durante uma aula de Ciências da Natureza, a professora omite ou evita falar sobre os órgãos sexuais externos, dos sistemas reprodutores humanos.»;
- «No recreio da escola, o Luís chora rodeado por colegas, porque caiu e raspou os joelhos. Aproxima-se uma funcionária que, depois de verificar os ferimentos, lhe diz o seguinte: «Não foi nada, vamos lá tratar disso, mas pára de chorar, porque um homem não chora e não queremos cá mariquinhas!»;
- «Numa aula, um aluno pergunta à professora:
- Ó Stora, viu ontem aquilo que deu no telejornal, sobre a prostituição de crianças?
- A professora responde:

- Por acaso até vi, mas agora não é a altura mais oportuna para falar do assunto. Se quiseres, no intervalo, podes colocar alguma dúvida que te tenha surgido ou, estando os teus colegas de acordo, podemos reservar algum tempo da próxima aula para debater essa questão.».

Posteriormente, efectuou-se um debate e confronto das respostas individuais, tendo a professora a função de moderadora. Pretendeu-se levar os alunos às suas próprias definições de Educação Sexual.

Na Actividade número dois, colocou-se a questão: «O que é a sexualidade?». Fez-se uma recolha de noções prévias dos alunos e promoveu-se a discussão das suas opiniões, quando não consensuais.

Foi efectuada a divisão da turma em grupos de trabalho, para a elaboração de questões anónimas sobre o tema que, posteriormente, foram colocadas numa «caixa de perguntas», a responder.

A actividade seguinte (terceira) foi constituída por um jogo de apresentação - «Quebra gelo» - *role play* e dramatizações, que consistiram na simulação de breves *casos* ou *histórias*, concebidos de notícias de jornais, revistas, etc.. Intervém um número sempre variável de personagens. As simulações não podiam ser longas (cerca de 5 minutos) e completavam-se com debate, em pequeno ou em grande grupo. Os actores eram personagens e público, alternadamente.

A partir destas actividades lúdicas, ampliaram-se concepções dos alunos sobre *sexualidades*, que foram o quadro de referência para o confronto com as posições cientificamente aceites e para a avaliação dos progressos, em termos de competências pessoais-sociais dos alunos.

Os materiais utilizados foram fichas de

trabalho, vídeos da Associação para o Planeamento da Família («Jogos de crescer» e «Ah! Então é assim») e livros de consulta - «Só para jovens: Juventude, afectos e sexualidade de Nuno Miguel e Ana Maria Allen Gomes (1989), «Enciclopédia da vida sexual – 10/13» (Kahn et al., sem data), «Já te apareceu o período?» (Thompson, 1980, trad. port. sem data), entre outros.

Estas actividades constituíram o diagnóstico dos sub-temas que suscitam curiosidade, hesitação e dúvida nos jovens, a fim de ser feita a selecção dos assuntos mais relevantes para a turma.

3.1.2. Desenvolvimento dos sub-temas seleccionados

Ao longo do segundo período, foram seleccionados três sub-temas: «Expressões da sexualidade», «Papéis sexuais» e «O corpo em crescimento».

De acordo com os objectivos específicos definidos, procurou-se continuar a desenvolver o trabalho em equipa, o que implica resolução de conflitos e tomada de decisões.

Na actividade subsequente (identificada com o número quatro), após uma introdução teórica de algumas das manifestações de sexualidade, ao longo da nossa vida, consoante a fase etária em que nos encontramos, solicitou-se aos alunos, que referissem manifestações sexuais na infância, na adolescência e na idade adulta, sendo colocada a questão seguinte: «Como nos manifestamos, sexualmente?».

Foram dados alguns exemplos: Mamar, chupar nos dedos até aos três anos; manipular os órgãos genitais, dos três aos cinco anos; «beijos roubados» e *apalpões*, dos seis aos doze anos; carícias erotizadas, *petting* (amimar, acarinhar), dos treze aos dezoito anos; relações sexuais...

Primeiro, em pequenos grupos de trabalho e, depois, em grande grupo, elaborou-se uma listagem de todas as manifestações de sexualidade (consideradas pelos alunos), fazendo a análise da categorização e salientando que existem diversas formas de nos manifestarmos sexualmente; as diferentes expressões da sexualidade podem estar integradas numa ou mais fases etárias; todas as expressões da sexualidade podem ser aceites, desde que não colidam com direitos dos outros; as expressões da nossa sexualidade fazem parte do nosso crescimento e devem ser encaradas de uma forma positiva.

A actividade cinco partiu da divisão da turma em pequenos grupos de trabalho e foi feito o levantamento de outra questão: «Quem faz o quê em minha casa?».

Foi fornecida uma ficha de observação, para preenchimento individual, com questões diversas sobre as tarefas desempenhadas em casa, pelo pai e pela mãe, como por exemplo: «Em casa, a minha mãe faz...»; «Em casa, o meu pai faz...».

Depois da recolha de toda a informação, foram analisados os dados. A ilação foi que, na maioria das famílias, é a mãe quem realiza a maior parte das tarefas domésticas e cuida dos filhos. Solicitou-se aos alunos a reflexão sobre as causas para tal facto, tendo em atenção valores sócio-culturais em Portugal. Novamente, foi colocada uma questão: «Será assim em todas as sociedades?».

Através de investigação em livros, revistas, filmes, telenovelas e publicidade, encontraram-se diferenças nos papéis desempenhados por ambos os sexos, ao longo de sucessivas épocas históricas e culturais, em múltiplas sociedades e religiões. Foi elaborado uma pesquisa, salientando os seguintes aspectos: Papel do homem, em casa, no trabalho e em sociedade; papel da mulher em casa, no trabalho e em sociedade. Como produção resultante, efectuou-se a elabo-

ração de desdobráveis, distribuídos a colegas, professores, pais e encarregados de educação.

Este trabalho foi concretizado com a intervenção dos professores das disciplinas de História e Geografia de Portugal e de Educação Visual e Tecnológica.

No final do segundo período, realizou-se uma actividade relativa aos papéis de homem e de mulher, que mantém uma relação amorosa. Com esse intuito, foi analisado o livro *O cavaleiro da Dinamarca* (Andersen, 2000, 5ª ed.), de onde foram retirados extractos de duas «narrativa romântica» - as histórias amorosas de *Vanina e Guidobaldo* e de *Beatriz e Dante* (Dante Alighiéri). O grupo reflectiu, nos seguintes aspectos: «Quais os papéis das personagens femininas?»; «Quais os papéis das personagens masculinas?»; «Quem decide a história – o homem ou a mulher?»; «Que valor é conferido ao respeito mútuo?»; «Qual é o retrato físico e o retrato psicológico das personagens?».

No terceiro sub-tema, «O corpo em crescimento» (ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA, 2000; Frade et al., 1995; Sanders & Swinden, 1995) efectuaram-se acções conducentes ao apoio à construção de um sentido «positivo» de si mesmo – auto-estima e autoconceito «positivos». Os alunos foram confrontados com a reflexão sobre «Quem sou eu?», «Como me apresento, fisicamente?», «De que gosto mais em mim?», «De que gosto menos em mim?»...

Posteriormente, foi dada ênfase à tomada de decisões *sobre mim mesmo(a)*, realizados Contratos, para a mudança.

Relativamente ao crescimento e auto-imagem sexuada (Actividade n.º 6), os pré-adolescentes trouxeram fotografias de infância, com vista a servirem de reflexão sobre a forma como mudaram. As características em que se incidiu foram, entre

outras, «gordo»/«magro», «giro»/«chato», «alto»/«baixo»...

A turma foi dividida em quatro grupos mistos, em que dois grupos se dedicaram ao estudo do «corpo feminino» (mulher, rapariga, menina...) e outros dois grupos ao «corpo masculino» (homem, rapaz, menino, bebé, embrião, feto...).

Desenharam os contornos do corpo de um aluno, por grupo, em papel de cenário, após o que foi completado com órgãos e caracteres sexuais externos, diferenciados nos dois sexos, para diferentes etapas de crescimento.

A apresentação do trabalho dos grupos foi analisada em conjunto, avaliadas transformações ocorridas e apontadas, até ao fim da puberdade. A clarificação pelo professor de dúvidas e hesitações surgidas, ocorreu nessa fase dos trabalhos.

O objectivo traçado de aprofundamento dos significados pessoais e sociais da aprendizagem sobre sexualidade, nomeadamente na sua vertente de saúde física e psicológica foi alcançado, quando se salientou o relacionamento interpessoal, através da actividade n.º 7 («Manifestação de sentimentos») e da actividade n.º 8 («Cuidados de higiene com o meu corpo»).

Nesse âmbito, no que diz respeito à sétima actividade, pensou-se em «pessoas significativas» (namorado/a, amigo/a, marido/mulher – papéis), «o que é uma família?», as novas famílias, qualidades de um amigo; conviver com os amigos e respeito pelo outro.

Para essa actividade, foi escrito no quadro - «Amizade», «Amor» e «Sexualidade», sendo pedida a escrita de palavras associadas e elaboração de esquemas/diagramas. Foi efectuada a construção de conceitos

definidores dos termos identificados pelo grupo/turma, a partir das palavras descobertas. Conceberam-se cartas com termos-chave: Amor (pedido de namoro, manifestação de saudade de namorado/a...); Amizade (troca de informações e de conhecimentos, partilha de aspectos temáticos comuns, fortalecimento de amizade e esclarecimento de mal-entendidos...); Sexualidade (troca de informações sobre crescimento e desenvolvimento, identificação e esclarecimento de dúvidas...).

Relativamente à actividade n.º oito, esta consistiu num aprofundamento dos conhecimentos adquiridos sobre reprodução humana e higiene pessoal, na disciplina de Ciências da Natureza, mediante o recurso a histórias ficcionais e didácticas, editadas pela Associação para o Planeamento da Família, em vídeos («Um amor de Cupido» e «Salva vidas»), seguindo-se a resolução de fichas de trabalho, individualmente e em pequeno grupo (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1998; Uslander & Weiss, 1997, Harris, sem data), a exemplo, podendo sugerir-se as seguintes questões:

Assinala com um V as afirmações verdadeiras e com um F as falsas:

Os espermatozóides formam-se na próstata.

Os testículos são órgãos reprodutores femininos.

O primeiro período menstrual chama-se menarca.

Um banho semanal é suficiente para a minha higiene pessoal.

As axilas, as mãos, os pés, os órgãos genitais externos são as zonas do corpo, que devemos lavar com mais frequência.

A apresentação de cartas e poemas à turma e a professor(es) ocorreu, no final do segundo período.

3.1.3. Conclusão dos trabalhos de pesquisa e dramatização

No terceiro período, foi proposta aos alunos a realização de trabalhos, sobre os sub-temas explorados, ao longo do ano lectivo. Concretizaram-se estudos sobre mudanças na puberdade, o desenvolvimento embrionário e fetal e o abuso sexual de menores, traduzido na montagem de uma peça de teatro («História de uma menina, que foi vítima de abuso sexual»), cuja encenação foi colectiva e em que os alunos adaptaram um texto narrativo a texto dramático e criaram um desdobrável, realçando a necessidade da precaução e o modo de se defenderem contra este tipo de situação.

A peça foi videogravada, para aperfeiçoamento do trabalho de «actor» (durante os ensaios) e apresentada à comunidade escolar, no final do ano escolar.

As personagens são o *Narrador*, a *Sara* (8 anos, 14 anos e 18 anos), o *André*, a *Joana*, o *Sr. António*, o *Juiz*, o *Advogado de Defesa* e o *Advogado de Acusação*. A *Sara* foi desdobrada em quatro personagens diferentes, consoante a idade, cada uma delas representada por uma aluna diferente. Os «Conselhos» foram dados por outros alunos da turma, que se encontravam na assistência. No total, actuaram 16 alunos.

Apresenta-se o texto completo adaptado à língua portuguesa, contexto local e nível etário, com algumas indicações da encenação colectiva, realizadas pela turma de pré-adolescentes e professores.

1ª Cena

Narrador (boca de cena) - *A Sara tem quase dezoito anos e foi vítima de abuso sexual aos oito. Quando fez catorze anos, reuniu*

forças e a coragem necessárias para contar a uma professora e agora quer partilhar a sua história para encorajar outras vítimas a falarem.

2ª Cena

Tribunal

Juiz: Declaro aberta a audiência! Estamos aqui para julgar o Sr. António Soares, que é acusado de ter violado a Sara, uma menina de 8 anos. Que a vítima conte a sua história...

Sara (1ª personagem - 14 anos):

Depois do meu pai nos ter deixado, eu, a minha mãe e o meu irmão André mudámos para Braga, quando eu tinha 7 anos.

A minha mãe tornou-se muito amiga da D. Maria e do Sr. António, que já tinham 60 anos e que eram nossos vizinhos. A Clara, filha deles, já era adulta e já tinha saído de casa. A minha mãe estava sempre a ir a casa deles, por tudo e por nada.

Sara (2ª personagem - 8 anos):

A D. Maria levava-nos às compras e a visitar a filha, que vivia no campo. Nessa altura, eu não conseguia compreender porque é que a Joana não gostava do pai!

Narrador : *Quem são as vítimas de abuso sexual?*

Primeiros «conselhos» dados por um aluno, que se encontra na «Plateia»:

- *Ninguém merece ser vítima de abuso sexual. Nunca penses que a culpa é tua.*

Não importa como te vestes, como ages ou como te relacionas com a pessoa, que abusou de ti.

Procura um psicólogo que poderá ajudar-te a ultrapassar os sentimentos de dor e de culpa e ajudar-te a reconhecer que és a vítima e não a responsável pelo abuso de que foste alvo.

Sara (8 anos):

Era demasiado nova para compreender que aquilo que ele me fazia estava errado.

Nesse dia, eu estava no jardim e fui a casa do Sr. António e da D. Maria perguntar se podia beber um copo com água. A minha mãe tinha saído e tinha pedido ao Sr. António que tomasse conta de mim e do meu irmão.

Ele deitou o pó do sumo num jarro e perguntou-me se eu queria pôr a água. Quando me inclinei no lava-loiça, para chegar à torneira, ele colocou a mão em cima de mim e começou a meter os dedos na minha roupa.

Eu não queria acreditar no que me estava a acontecer! Achei que estava a imaginar coisas mas, quando ele começou a mexer-me, percebi que não estava a imaginar nada. Não compreendia o que ele estava a fazer, mas achei que não devia falar sobre isso a ninguém, porque era falta de educação da minha parte. Pensei que a culpa tinha sido minha. Já nessa altura, eu inventava desculpas para o que o Sr. António me fazia.

Sara (14 anos):

A partir daí, comecei a ter sempre medo do Sr. António e a evitar estar com ele.

Nem queria acreditar quando a minha mãe me disse que os Soares tinham marcado umas férias num centro de férias e nos tinham convidado. A minha mãe tinha aceite o convite com o maior prazer.

Logo na segunda noite em que jantámos todos juntos no chalé, o Sr. António sugeriu à minha mãe e à D. Maria, que fossem dar um passeio, pois ele ficava a jogar Monopólio comigo e com o André. Deixou-nos ficar acordados até tarde, mas eu estava com medo de ir para a cama antes da minha mãe chegar. Ao fim de muito tempo, o André adormeceu e, apesar de estar a dormir no beliche por cima do meu, o Sr. António entrou no quarto e começou a fazer-me festas, apesar da minha resistência.

Sara (18 anos):

Ele estava sempre a dizer que, se eu contasse a alguém, me levavam para um colégio e ficava interna. Dizia que ia acusar-me de ter inventado todas as histórias.

Mas os abusos eram cada vez maiores e mais ousados e começou a obrigar-me a fazer-lhe festas também. A única razão para o Sr. António não ir mais longe foi por causa do meu irmão André andar por perto ou por causa da minha mãe poder chegar a qualquer momento.

Mas que pena que eu tenho das crianças em que os pais abusam delas e elas têm de estar com eles todos os dias.

Segundos «conselhos» dados por uma aluna, que se encontra na Assistência:

Deves contar a alguém?

Mesmo que a situação se prolongue há vários anos, nunca vai acabar, se não fizeres alguma coisa. As pessoas que são capazes desses actos nunca são capazes de parar. Em geral, não são capazes de se controlar. Pensa bem nisso!

Podes ser a única pessoa a ficar com a vida destruída. Para que as coisas melhorem definitivamente, podem ter de piorar, por algum tempo, e podes ter de fazer a coisa mais difícil que alguma vez fizeste, mas é para teu bem.

Há pessoas capazes de te ajudar, mas é preciso que lhes peças.

Sara (12 anos):

Foi difícil para mim estar com os meus colegas na escola, porque estava sempre preocupada e não conseguia divertir-me.

Quando fiz 12 anos, comecei a ter medo de tudo e, uma vez, entrei em histeria quando me perdi da minha mãe, durante 5 minutos. Não havia um único dia em que não pensasse na próxima vez em que ia ficar sozinha com o Sr. António.

Narrador: *Como podes ser ajudada?*

Terceiros «conselhos» dados por um aluno, que se encontra na «Plateia»:

Não importa que os abusos tenham ocorrido há muito tempo.

O primeiro passo para ultrapassar a situação é contar a alguém e só tu podes decidir a quem. Em situações como esta há pessoas, fora da tua família, que podem ajudar, dando um conselho e que podem acreditar mais em ti. Podes ir falar com um professor da escola, com o Médico do Centro de Saúde, com pessoas de organizações de apoio e à própria polícia.

Sara (14 anos):

Quando a minha mãe começou a trabalhar aos Sábados, ele começou a levar-nos ao futebol e, enquanto íamos no carro,

acariciava-me, mesmo de dia, sempre com o André no banco de trás. Eu ficava aterrorizada e tentava pensar noutras coisas.

Lembro-me de pensar que, se ele era capaz de se arriscar daquela maneira, era porque estava preparado para dizer que a culpa era minha. Nunca me ocorreu contar a ninguém, porque achava que me era dada a culpa.

Sr. António: *Mentirosa!*

Juiz: *Calma! Continue o seu depoimento menina Sara.*

Sara (14 anos):

Quando cheguei ao Secundário, não fiz amigos novos, além das raparigas que já conhecia desde pequena. Não queria ter namorados, não suportava que uma pessoa me tocasse e nunca compreendi as piadas das minhas colegas sobre os apalpões de que gostavam tanto. Não me pareciam para rir.

Aos bocados, eu percebi que o sexo não era vergonha como eu pensava e que não era preciso sentir-me culpada do que tinha acontecido.

Um dia, num programa na televisão, eu ouvi uma vítima de abuso sexual do sexo masculino dizer que devia ter falado com alguém mais cedo do quando o fez. Aquilo fez-me pensar...

Decidi contar a minha situação a uma professora, o que foi das coisas mais difíceis que tive de fazer. Conte-i-lhe tudo. Ela disse-me, que tínhamos de falar com a minha mãe, para a pôr a par de tudo.

A minha mãe, quando soube, ficou histérica e até queria matar o Sr. António. Acreditou em mim, que era aquilo que eu mais queria.

Passei por tudo isto como se fosse um susto, perguntas e mais perguntas, exames médicos... Tinha medo de sair à rua, mesmo a saber que a D. Maria tinha ido para casa da filha e o Sr. António tinha desaparecido.

Juiz: *O que é que o Advogado de Acusação tem a dizer sobre o depoimento da sua Cliente?*

Advogado de Acusação: *A minha Cliente tem exames médicos, que provam que houve violação. Tem duas Testemunhas de Acusação, que são o irmão André e a filha do acusado, a Joana.*

Juiz: *Que entre a primeira Testemunha.*

Joana:

Eu sou a Joana e sou a filha do Arguido e venho testemunhar contra ele. Eu também fui vítima do seu assédio e, depois, abuso sexual.

Em pequena, quando ia deitar-me, ele dizia que ia contar-me histórias para eu adormecer, mas em vez disso acariciava-me e chegou mesmo a violar-me. Por isso eu, logo que pude, fui trabalhar para poder sair de casa.

Juiz: *Entre o André, a segunda Testemunha.*

André:

Eu sou o André, o irmão da vítima e o que posso testemunhar é que o Sr. António andava sempre atrás da minha irmã Sara, para tentar ficar sempre sozinho com ela.

Juiz: *O que é que o Arguido tem a dizer em sua defesa?*

Sr. António:

Só tenho a dizer que tudo isto são mentiras para caluniar o meu bom nome e que jamais eu abusaria da minha própria filha.

Juiz: *O que tem o Advogado de Defesa a dizer?*

Fala antes o Advogado de Acusação:

Vossa Excelência permita que diga que considero que as Provas apresentadas são suficientes, para que o Arguido seja condenado.

Juiz: *Tem a palavra o Advogado de Defesa.*

Advogado de Defesa:

Queria reafirmar a inocência do meu cliente e peço a Vossa Excelência a pena mínima de 3 meses de prisão efectiva, sujeita a caução a determinar.

Juiz:

A caução é recusada e o réu é obrigado a cumprir uma pena de prisão efectiva de três anos. Meus senhores e minhas senhoras, está encerrada a sessão.

3ª cena

Fora do tribunal:

Sara (18 anos) :

Foi o pior dia da minha vida, mas não foi tão mau como a ideia de que ele podia voltar a tocar-me. Não me olhou durante todo o julgamento e a D. Maria não estava presente.

Espero que ele se arrependa.

Já tenho 18 anos e ainda me sinto mal, por causa de tudo o que me aconteceu. Estou a

ser acompanhada por uma psicóloga, que me tem ajudado muito, que me fez ver que a culpa não foi minha. A minha mãe também sente uma grande culpa, por não se ter apercebido de nada mas, apesar de tudo, julgo que conseguiremos ultrapassar isso e começar a viver a nossa vida com alegria

Narrador: *Como podes ajudar um amigo ou uma amiga a falar do seu caso?*

Quintos «conselhos» dados por uma aluna, que se encontra na Assistência:

Se apenas suspeitas, que um amigo ou uma amiga é vítima de abuso sexual, tens de ter muito cuidado na forma como falas com ele ou com ela.

Será melhor não lhe perguntares directamente, porque a sua reacção mais natural é dizer que não foi nada.

Podes puxar o assunto numa conversa, falar de casos que conheces, dizer maneiras de ajuda e deixar o teu amigo ou a tua amiga decidir a altura e a maneira mais certa de agir.

A banda sonora de «Carmina Burana» (Carl Orff) foi seleccionada pelos alunos, para a última cena.

CONCLUSÃO FINAL

O Trabalho de Projecto alcançou finalidades explícitas de co-construção de conhecimento, tendo sido colocadas em prática competências afectivo-sociais, tais como expressão/comunicação, trabalho em grupo e organização de métodos e modos de ensino-aprendizagem inovadores. Também se aprendeu Educação Sexual, *fazendo* Expressão Dramática.

No VII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, expõe-se uma possível ligação

de teoria sobre a sexualidade e abordagens educativas transdisciplinares, abrangentes de orientações actuais para o Ensino Básico, na Área de Projecto.

Partiu-se da situação existente de *desconhecimento*, por parte de jovens de 11 e 12 anos, para as situações que pretenderam abordar, na época, encontradas na *internet* – abusos sexuais. Foram eles a resolver problemas, ao longo de um ano escolar, para a concretização de um planeamento traçado - aquisição de conhecimento, aprofundamento temático e concepção de uma performance. Mais importante do que o «produto final», desenvolveram eles próprios atitudes e comportamento relativos à sexualidade, reflectiram e questionaram saberes cruzados (Ciências da Natureza, Português e Educação Visual e Tecnológica, História e Geografia de Portugal, Educação Moral e Religiosa Católica), pesquisaram e confrontaram-se com situações problemáticas, tornando-se mais autónomos, críticos e criativos, mais capazes de estabelecerem e manterem relações íntimas. Essa é uma missão do professor.

REFERÊNCIAS:

Andersen, S. (2000). *O cavaleiro da Dinamarca*, 5ª ed.. Porto: Figueirinhas.

Angyris, C, Putman, R. & Smith, D. M. (1985). *Action science*. N.Y.: Jossey-Bass.

ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA (2000). *Falemos de Sexualidade. Guia para Pais e Educadores*. Lisboa: A.P.F..

Car, W. & Kemmis, S. (1986). *Becoming critical*. Lewes: Falmer Press.

Castro, L. & Ricardo, M. (2002). *Gerir o trabalho de projecto: Guia para a flexibilização e revisão curriculares*. Lisboa: Texto Editora.

Corey, S. (1953). *Action-research to improve school practices*. N.Y.: Columbia University Press.

Davis, D. (sem data). *As escolas e as famílias em Portugal. Realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Frade, A., Marques, A., Alverca, C. & Vilar, D. (1992). *Educação sexual na Escola: Guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa: Texto Editora.

Harris, R. B. (sem data). *Vamos falar de sexo, crescimento, corpos em mudança, sexo e saúde sexual*. Lisboa: Terramar.

Iturra, R. (2000). *O saber sexual das crianças: Desejo-te, porque te amo*. Lisboa: Afrontamento.

Kahn, J., Nathan, J., Tordjan, G. & Verdouz, C. (sem data). *Enciclopédia da Vida Sexual – 10/13*.

Lewin, K. (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, 1946, 2, 34-46.

Lopez, F. & Fuentes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: A.P.F.

Miguel, N. & Allen Gomes, A. (1989). *Só para jovens! Juventude, afectos e sexualidade*. Lisboa: Texto Editora.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2000). *Competências gerais e transversais*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento do Ensino Básico.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E MINISTÉRIO DA SAÚDE (1998). *Programa de Promoção e Educação para a Saúde: Promover a Saúde da Juventude Europeia. Manual de formação para professores e outros profissionais que trabalham com jovens*.

Lisboa: Ministério da Saúde - Direcção Geral da Saúde e Ministério da Educação.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E MINISTÉRIO DA SAÚDE (2001). *A educação sexual em meio escolar: Linhas orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento do Ensino Básico.

Moita, G. & Santos, M. (1998). *Falemos de sexualidade: Guia para pais e educadores*. Lisboa: A..P.F.

Sanders, P. & Swinden, L. (1995). *Para me conhecer, para te conhecer: Estratégias de Educação sexual para os 1º e 2º Ciclos de Ensino Básico*. Lisboa: A.P.F.

Schon, D. (1983). *The reflective practitioner: How professionals think in action*. N.Y.: Basic Books.

Schwandt, T. A. (1997). *Qualitative inquiry: A dictionary of terms*. London: Sage.

Tesch, R. (1990). *Qualitative research: Analysis types & software tools*. Bristol: The Falmer Press.

Thinès, G. & Lempereur, A. (1984) (Orgs.). *Dicionário geral das ciências sociais*. Lisboa: Edições 70.

Torbert, W. (1991). *The power of balance: Transforming self, society, and scientific inquiry*. London: Sage.

Thomson, R. (1980). *Have you started yet?* London: Macmillan. Children's Book (trad. port. «Já te apareceu o período?». Lisboa: Bertrand, sem data).

Torbert, W. (1991). *The power of balance: Transforming self, society, and scientific inquiry*. London: Sage.

Uslander, A. & Weiss, C. (1997). *Como responder às perguntas sobre sexo*. Lisboa: Plátano Editora.

Vaz, J. M. (1996). *A Educação sexual na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.